

RAPSÓDIA DA BANANA-DA-TERRA: O TEATRO BRASILEIRO EM CENA

Por Felipe de Menezes¹

Com o Grupo Boneco Vivo assistimos ao espetáculo *Rapsódia da Banana-da-terra* que tem a dramaturgia de Luiz Carlos Laranjeiras e direção de Vivian Rau, na manhã do dia 9 de setembro, durante o 37º Festivale. O Grupo Boneco Vivo existe desde o ano 2000, portanto, um coletivo com duas décadas de produções artísticas na região do Vale e, que tem como pesquisa, a linguagem dos bonecos em cena. O espetáculo que assistimos, nessa manhã de forte sol, estreou em maio desse ano e está em sua quinta apresentação.

O material dramático é um mosaico daquilo que podemos, sem erro, chamar de teatro brasileiro, pois é feito por e para brasileiros. Teatro musicado ao som e sabor das nossas identidades: executado por corpos prenhes de brasilidades, bailados, ponteios, cheganças e rodopios. A busca incessante por um atador-folião, com marcas identitárias de brasilidade sempre foi o alvo do Mestre Laranjeiras. Suas dramaturgias sempre são criadas para um corpo dançante do cantador-brincante. Acredito que, no fundo, toda genialidade dos nossos artistas brasileiros sempre foi buscar as marcas da nossa identidade. Assim foi com os românticos, com os modernistas, com os tropicalistas. Laranjeiras, na mão dessa incessante busca, sempre nos brinda com o melhor de nós: em seus personagens nos reconhecemos – até mesmo em suas presepadas – para o deleite da plateia. Toda a pesquisa dramática - das personagens e figuras que compõe o pluriverso ficcional desse homem de teatro – tem esmero e abertura para que o brincante possa criar em

¹ Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

conjunto. O texto aberto permite à direção e atuantes se inserir e imprimir suas próprias identidades naquilo que faz.

Quando foi mesmo que o teatro deixou de ser festa? Quando foi que as artimanhas (para não dizer perversões) do capitalismo tomaram conta da cena ao ponto de eliminar aquilo que o teatro sempre teve de mais importante, que é a festa? Desde longínquos tempos e sociedades, o teatro nunca foi um acontecimento isolado do rito, da guerra e da festa, seja no Oriente ou no Ocidente, seja nas sociedades mediterrâneas, seja no próprio teatro colonial do padre Anchieta. A festa sempre foi a desculpa principal para o teatro acontecer. Com o advento das sociedades burguesas e a privatização do acesso às salas de espetáculo, o acontecimento cênico se distanciou dos folguedos. Entretanto, toda a poética de Luiz Carlos Laranjeiras é um convite à folia e, lá pelas tantas, impávido, surge o teatro – não como uma escola de moralidade ou espelhamento realista da sociedade, pelo contrário, a necessária e assumida teatralidade tem, em suas obras, o resgate daquilo que é mais precioso quando reunimos uma comunidade.

Rapsódia da Banana-da-terra é, como se auto intitula, uma presepada teatral em um ato. Nela, acompanhamos a saga do macaco Miquimba em busca da sua última banana-da-terra que caiu de um galho oco de mangueira. A sinopse deixa evidente que se trata de um conto popular aclimatado para as terras brasileiras. O que fez o Grupo Boneco Vivo foi propiciar ao público presente uma deliciosa e divertida contação encenada pela querida Vivian Rau.

Márcio Oliveira, diretor musical, se mostra nessa obra um artista de qualidades exuberantes. Suas canções e arranjos são dignas da mais alta excelência. Ao seu lado, Túlio Macedo, músico preciosíssimo que imprime em seu corpo e voz dançantes, a delicadeza e a força. Que músicos! Acredito que vê-los mais presente ao longo de todo o espetáculo, fazendo parte, inclusive, do coro de atuantes, possa ser mais uma pérola desse conjunto musical. A beleza de todo espetáculo se concentra, sobretudo, na qualidade musical da encenação.

Todo elenco de atadores/foliões/brincantes merece, também, algumas observações críticas. São atores e atrizes de experiência com a linguagem de bonecos e/ou popular, sob a batuta da singular Vivian Rau – artista joseense de tantas lutas e labutas da região do Vale – que compõe, em sua encenação, belos momentos de

teatralidade – não fossem algumas falhas técnicas e pontuais da parte de som e da escolha do local de apresentação. Destaque a Carlos Cesare, artista de mil mãos, que se transmuta no macaco Miquimba - seu trabalho é de grande valor.

Figurinos, adereço, bonecos e objetos cênicos ainda passarão por reajustes necessários, como nos contou a diretora Vivian, no bate papo após a apresentação. É imprescindível que esses elementos narrativos ganhem a mesma força dos demais elementos da encenação. E, por fim, eu desejo vida longa a esse trabalho para que ele possa se afinar por completo com o passar do tempo, ganhar maturidade, beleza, uma infinidade de público e muito axé. Viva o teatro popular, viva o Boneco Vivo!